



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT 11 – Informação & Saúde

O ENGAJAMENTO DE PACIENTES NA REVISÃO POR PARES: A INICIATIVA DO *RESEARCH INVOLVEMENT AND ENGAGEMENT*

ENGAGING PATIENTS IN PEER REVIEW: THE RESEARCH INVOLVEMENT AND ENGAGEMENT INITIATIVE

Janayne Carvalho do Amaral - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/UFRJ (IBICT)

Marcos Gonzalez de Souza - Museu do Meio Ambiente do Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Eloísa Príncipe - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/UFRJ (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo discute a metodologia do periódico *Research Involvement and Engagement* para inserir pacientes no seu processo de revisão por pares. Em primeiro lugar, apresentamos e descrevemos a estrutura desse periódico no site e a sua política de revisão por pares e diretrizes pareceristas. Em seguida debatemos essa iniciativa à luz da perspectiva da ciência aberta, ciência cidadã, revisão por pares aberta e dos modelos conceituais de compreensão pública da ciência. Como resultado, observamos que a política de revisão por pares e as diretrizes para pareceristas são as principais ferramentas do periódico para, ao mesmo tempo, inserir o paciente, definir e explicar o processo de revisão por pares. No entanto, esse paciente também atua como coeditor, autor e coautor de artigos publicados pela revista e, desse modo, a revista amplia o papel dos periódicos científicos com veículos de comunicação dos resultados de pesquisa para os pares, tornando-o uma ferramenta para o acesso ao conhecimento científico, divulgando também saberes sobre a editoração científica e o funcionamento do mundo acadêmico. Valorizando as experiências de mundo e a especialidade de cada paciente, a iniciativa da revista dialoga com os modelos de expertise leiga e de engajamento público de compreensão pública da ciência e com a característica participação aberta da revisão por pares aberta.

Palavras-chave: divulgação científica; ciência aberta; revisão por pares aberta; revista científica.

Abstract: This paper discusses the methodology of *Research Involvement and Engagement* to engage patients in its peer review process. First, we introduce and describe the website structure of this journal and its peer review policies and reviewer guidelines. Then, we discuss this initiative in light of the perspective of open science, citizen science, open peer review, and the conceptual models of public understanding of science. We noted that the peer review policies and the reviewer guidelines are the journal's main tools to both engage the patient, define and explain the peer review process. However, this patient also acts as co-editor, author, and co-author of manuscripts published by the journal and, in this way, the journal expands the role of scientific journals as vehicles for communicating research results to peers, making it a tool for access to scientific knowledge, also disseminating knowledge about scientific publishing and the workings of the academic world. Valuing the experiences of the

world and the specialty of each patient, also placing him/her in the role of editor, the journal's initiative dialogues with the Lay Expertise Model and Public Engagement Model of public understanding of science, and with open participation trait of open peer review.

Keywords: science communication; open science; open peer review; scientific journal.

1 INTRODUÇÃO

As iniciativas de socialização do conhecimento científico evoluíram nas últimas décadas, acompanhando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, mas absorvendo também as influências das epistemologias pós-modernas, que evidenciaram a necessidade de reexaminar suas funções e seu alcance. Para lidar com os complexos problemas contemporâneos, tais como o bem-estar social, a demanda por novas fontes de energia, questões ambientais, aprendizado e memória ou biotecnologia, um diálogo mais amplo sobre questões de base científica e tecnológica vem se tornando crítico ao funcionamento eficaz das sociedades contemporâneas (HURD, 1998; DICKSON, 2005).

Desse modelo dialógico derivaram várias vertentes, que visam envolver a audiência de diferentes modos e com objetivos diversos, a fim de qualificar ou mesmo mobilizar a opinião pública sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico, valorizar ou absorver a experiência dos *não cientistas* – nos termos da ciência aberta – ou dos leigos – nos termos dos estudos de divulgação científica. Assume-se que, em determinados assuntos, sua expertise pode ser tão relevante quanto o conhecimento produzido por cientistas, especialmente quando se trata de questões de interesse direto da população, como as alterações climáticas ou o debate público sobre organismos geneticamente modificados na alimentação (SHORT, 2013).

Essa inserção é pensada pela ciência aberta, por meio da revisão por pares aberta, entre outras modalidades. Fundamentada na expertise dos pares, no anonimato de autores e pareceristas e na confidencialidade dos pareceres, a revisão por pares começa a contemplar uma participação ampliada na avaliação de manuscritos submetidos à publicação, promovendo inclusive a abertura da identidade de autores e pareceristas. Essas mudanças estão reunidas sob o nome de *revisão por pares aberta*, no contexto do movimento que, conforme Albagli (2015), está transformando as estruturas epistemológicas e institucionais vigentes, sendo necessário refletir o impacto dessas mudanças nos valores e práticas das dinâmicas científicas.

Neste artigo, descrevemos a metodologia aplicada pelo periódico britânico *Research Involvement and Engagement*¹ (doravante RIE) para engajar pacientes em seu processo de revisão por pares, à luz da perspectiva da ciência aberta, ciência cidadã, revisão por pares aberta e divulgação científica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Ciência Aberta em diálogo com a divulgação científica

A Ciência Aberta é percebida como um “[...] termo guarda-chuva, que engloba diferentes significados, tipos de práticas e iniciativas, bem como envolve distintas perspectivas, pressupostos e implicações” (ALBAGLI; CLINIO; RAYCHTOCK, 2014, p. 435). Segundo Chan, Okune e Sambuli (2015, p. 99), “a ciência aberta utiliza a prevalência da Internet e das ferramentas digitais associadas para possibilitar maior colaboração local e global na pesquisa”. A Ciência Aberta reúne iniciativas como o acesso aberto a publicações científicas, as políticas de dados abertos (inclusive fontes primárias), o franqueamento de algoritmos e códigos de programação, a disponibilização de cadernos de laboratório, os recursos educacionais abertos, as redes sociais científicas, a ciência cidadã e a revisão por pares aberta. Em cada movimento aberto está presente um *ethos* de abertura cujos aspectos transparência, colaboração, compartilhamento e remixagem de conhecimento são valorizados (FORD, 2017).

De acordo com Chan, Okume e Sambuli (2015, p. 103),

A ciência aberta e colaborativa também promete aumentar a visibilidade e o impacto da pesquisa em nível local, facilitar a participação de pesquisadores em colaborações locais e internacionais, estimular o engajamento do público com a ciência por meio de atividades tais como ciência cidadã, e promover a cultura do compartilhamento do conhecimento, bem como uma nova reflexão sobre inovação social.

A ciência cidadã valoriza “[...] a participação direta de não cientistas e não especialistas no fazer ciência, tais como ‘leigos’ e ‘amadores’” (ALBAGLI; CLINIO; RAYCHTOCK, 2014, p. 435). A proposta ainda pode ser considerada inovadora e, talvez por isso mesmo, motivo de controvérsia no meio acadêmico, na medida em que vem produzindo diferentes reações e atitudes por parte de editores, autores e pareceristas. Seja como for, Albagli (2015) visualiza

¹ Disponível em: <https://researchinvolvement.biomedcentral.com/> Acesso em: 30 ago. 2021.

duas grandes vertentes nas suas implementações. Na primeira, chamada de ‘pragmática ou instrumental’, não há abertura dos dados de pesquisa, ou influência dos não cientistas na concepção ou nos resultados de pesquisa. Basicamente, ela contempla iniciativas que possam contar com a contribuição voluntária de não cientistas. Na segunda, denominada ‘democrática’, propõem-se iniciativas orientadas à maior participação, intervenção e empoderamento de cidadãos não só nas formas de produção e uso, mas nos próprios rumos da pesquisa.

Segundo Parra (2015), há diversas definições para ciência cidadã. O autor explica que algumas possuem caráter mais tradicional, ou seja, envolve o público em geral na etapa de coleta e análise de dados de uma pesquisa; outras são mais amplas, contemplando a participação do público desde a concepção da pesquisa. A ciência cidadã volta-se para o engajamento do cidadão na pesquisa científica, que pode contribuir tanto com o seu conhecimento local quanto com as suas próprias ferramentas e recursos. Desse modo, “os participantes fornecem dados experimentais e instalações para pesquisadores, elaboram novas questões e criam conjuntamente uma nova cultura científica.” (PARRA, 2015, p. 126). Assim, “enquanto agregam valor, os voluntários adquirem de forma instigante novos aprendizados e habilidades e um conhecimento mais profundo do trabalho científico”.

A ciência cidadã dialoga muito com o campo da divulgação científica. Nesse campo, as iniciativas para inserir o leigo na ciência podem ser orientadas por um ou mais de um dos seguintes modelos de comunicação pública da ciência: modelo de déficit, modelo contextual, modelo de expertise leiga e modelo de participação pública (BROSSARD; LEWENSTEIN, 2010). Segundo os autores, esses modelos teóricos de comunicação pública da ciência foram construídos dentro de um campo de estudo chamado “*Public Understanding of Science*” (Compreensão Pública da Ciência), que está se desenvolvendo desde os anos 1980. Projetos relacionados a esse campo podem ser organizados em duas categorias: “(1) Projetos que visam melhorar a compreensão que o público tem de uma área específica da ciência; (2) Projetos que visam explorar a interação entre o público e a ciência.” (p. 12, tradução nossa²).

Costuma-se distinguir esses modelos de comunicação pública da ciência segundo o nível de participação/engajamento do não cientista/leigo no processo de socialização dos conteúdos científicos, sendo a mais tradicional abordagem, conhecida como “modelo de

² [...] (1) projects that aim at *improving* the understanding the public(s) have of a specific area of science; (2) projects that aim at *exploring* the interaction of the public and science.

déficit”, aquela que descreve um déficit de conhecimento a ser preenchido por meio da transmissão da informação unidirecional, dos especialistas para o público (BROSSARD; LEWENSTEIN, 2010). Segundo os autores, o modelo contextual considera as experiências anteriores, o contexto cultural e as circunstâncias pessoais em que os indivíduos recebem e respondem às informações. Já o modelo de expertise leiga é crítico à certeza, e até arrogância, dos cientistas sobre o seu nível de conhecimento, que desconsidera informações adicionais para tomar decisões pessoais ou políticas do mundo real. Dessa forma, valoriza e reconhece as histórias das comunidades e suas práticas locais de agricultura, por exemplo, e, também, legados históricos, “[...] como o patrimônio cultural dos afro-americanos, para quem as experiências com sífilis de Tuskegee³ são um antecedente real das opiniões contemporâneas sobre a confiança na medicina científica.” (p. 15, tradução nossa⁴). E, por último, o modelo de engajamento público desenvolve atividades como conferências de consenso, júris de cidadãos, avaliações deliberativas de tecnologia, lojas de ciências, votações deliberativas e outras iniciativas, para aumentar a participação do público na política científica (BROSSARD; LEWENSTEIN, 2010).

Os modelos mais dialógicos deixam de conceber o não cientista/leigo como “receptores unidirecionais de informação”, passando a compreendê-lo como um agente que deve ser ouvido e, mais que isso, cuja contribuição pode ser significativa para a formulação de políticas científicas. Brossard e Lewenstein (2010) sintetizam que a força por trás desses modelos é diferente: enquanto os modelos de déficit e contextual estão focados em fornecer informações para um público geral ou específico, os modelos de expertise leiga e de engajamento público estão preocupados em envolver ativamente os cidadãos com a ciência.

Cabem, porém, alguns comentários aqui: de um lado, as críticas ao *modelo de déficit* não significam a inexistência de déficit de conhecimento. Como alerta Miller (2000, p.118), “cientistas e leigos não estão em pé de igualdade no que diz respeito à informação científica, e o conhecimento, duramente adquirido em horas de pesquisa e experimentado e testado ao longo dos anos e décadas, merece respeito”. Se não houver uma lacuna entre o que os

³ Realizado pelo serviço público de saúde dos Estados Unidos, o experimento médico feito com homens sífilíticos em Tuskege, Alabama, entre 1932 e 1972, é citado como um exemplo de má conduta na ciência. As pessoas que participaram do experimento não foram informadas sobre o seu diagnóstico e não deram consentimento para a sua realização.

⁴ [...] such as the cultural heritage of African Americans for whom the Tuskegee syphilis experiments are a real antecedent to contemporary opinions about trust in scientific medicine.

cientistas e os não cientistas sabem sobre ciência, diz ele, “algo está muito errado”. Por outro lado, é importante não romantizar a expertise leiga, recuperando episódios em que o ativismo por parte de “pacientes” – ou seja, quando conquistaram sua participação – transformou a própria ciência à custa de muito engajamento. Esse foi o caso dos movimentos feministas que, a partir da década de 1980 nos Estados Unidos, conseguiram interferir numa tradição secular de que o corpo masculino era o “padrão” e o feminino, um “desvio de norma”, e, portanto, os resultados de testes com drogas realizados exclusivamente com homens – e todo o planejamento de dosagens para o seu peso e metabolismo médio – eram generalizados às mulheres (SCHIEBINGER, 2001).

O que está sujeito a críticas no modelo de déficit, portanto, é sua predominância frente a outras alternativas mais dialógicas, que concebiam o público não especializado como sujeitos (inter)ativos, levem em consideração o contexto social em que está inserido e a variedade de seus interesses. As abordagens, ademais, não são mutuamente exclusivas; o que se recomenda é a diversificação de acordo com os objetivos da iniciativa (EINSIEDEL JR.; EINSIEDEL, 2004).

2.2. As revistas científicas, a revisão por pares e o texto científico

As cartas manuscritas foram a primeira forma de comunicação entre os cientistas. Elas circulavam “[...] entre um pequeno círculo de amigos que poderiam analisá-las e, quando conveniente, testá-las e depois enviar a resposta” (MEADOWS, 1999, p. 185). Segundo o autor, as revistas científicas surgiram na segunda metade do século XVII: nomeadamente o *Jornal des Savants*, em Paris; e *Philosophical Transactions of the Royal Society*, em Londres.

As revistas científicas são a principal ferramenta para a divulgação dos resultados de pesquisa, além de contribuírem para a própria evolução da ciência (BIOJONE, 2003). Elas fazem parte do canal formal de comunicação científica cuja validação do mérito científico de um trabalho é feita pelos pares. Os pares, também denominados de avaliadores, revisores, pareceristas ou árbitros, são pesquisadores que atuam na mesma área de conhecimento, “[...] pesquisadores experientes – que é o que os avaliadores são – [...]” (MEADOWS, 1999, p. 185). Eles atuam no processo denominado revisão por pares, em inglês *peer review* ou *referee system* (PESSANHA, 1998; ZUCKERMAN; MERTON, 1971), também conhecido como Arbitragem ou Avaliação por Pares. Segundo Zuckerman e Merton (1971, p. 69, tradução

nossa⁵), a revisão por pares adota o uso sistemático de “[...] juízes para avaliar a aceitabilidade dos manuscritos submetidos para publicação. O árbitro é, portanto, um exemplo de juízes de status encarregados de avaliar a qualidade do desempenho de papéis em um sistema social.” Dentro do modelo tradicional de revisão por pares, as modalidades de avaliação podem ser simples-cega (*single-blind*) – quando os revisores sabem quem são os autores, mas os autores desconhecem quem são os revisores; e duplo-cega (*double-blind*), quando ambos não conhecem a identidade um do outro.

Scott-Lichter (2017, p. 42), estas são as responsabilidades dos pareceristas com autores:

- Fornecer pontualmente retorno por escrito e imparcial quanto aos méritos acadêmicos e ao valor científico do manuscrito, juntamente com a base documental de sua opinião sobre a avaliação.
- Indicar se a redação é clara, concisa e relevante, além de classificar o tipo de contribuição, a precisão científica, a originalidade e o interesse para os leitores do periódico.
- Evitar comentários ou críticas pessoais.
- Manter a confidencialidade do parecer: não compartilhar, discutir com terceiros ou divulgar informações do artigo.

Assim, além das questões éticas envolvidas na revisão por pares, o trabalho do parecerista envolve tanto a avaliação do mérito científico dos resultados de pesquisa apresentados quanto a clareza das ideias apresentadas em formato textual. Nesse sentido, a linguagem do artigo científico é altamente especializada, pois trata-se de um texto construído pelos pares e para os pares. Conforme pontuam Barradas e Targino (2008, p. 21), “a subjetividade caracteriza o estilo literário, em sua construção e interpretação; e a objetividade, o estilo científico”. Para as autoras, são características, da redação técnico-científica, a clareza na expressão de ideias, o uso de palavras precisas e adequadas segundo a terminologia de cada área, simplicidade, objetividade, concisão e coesão, sequência lógica na apresentação de sentenças, capacidade argumentativa, fidelidade às fontes. Além do mais, possui a estrutura de um trabalho científico. De acordo com Meadows (1999, p. 119),

Os artigos de periódicos desenvolveram uma estrutura própria. A sequência título/nome(s) do(s) autor(es) e respectiva afiliação/resumo/corpo do texto/referências é comum aos artigos da maioria das disciplinas. Determinadas disciplinas podem exigir uma estrutura adicional. Assim, o corpo do texto de um artigo sobre um tema experimental pode ser

⁵ “[...] judges to assess the acceptability of manuscripts submitted for publication. The referee is thus an example of status-judges who are charged with evaluating the quality of role-performance in a social system.”

estruturado segundo o esquema: introdução/ metodologia/ instrumentação/ resultados/ discussão/ conclusões.

Esforços de tradução desse mundo do pesquisador (ou pares) para o público não especialista ou não cientista são feitas pela área da divulgação científica. Segundo o pioneiro da divulgação científica no Brasil, José Reis, “Importa, em primeiro lugar, um pouco de coragem para dispensar a precisão exigida de texto científico preparado para especialistas, e apelar para analogias, generalizações e aproximações” (REIS, 1982⁶ *apud* MASSARANI, 2018, p. 112). Além de desaconselhar o uso de jargões científicos e incentivar o uso de palavras comuns da língua, acrescenta: “Outro conselho: escrever com simplicidade e sinceridade, tanto quanto possível como se falaria numa conversa” (REIS, 1962⁷ *apud* MASSARANI, 2018, p. 33).

A revisão por pares é internacionalmente aceita pela comunidade científica e adotada pelos periódicos científicos de qualidade. No entanto, ela tem limitações como atraso, inadequação, vieses e corrupção (BINGHAM *et al.*, 1998). Segundo os autores, o atraso é decorrente do tempo gasto para a elaboração pareceres pelos pareceristas e para que os autores respondam a essas avaliações. A inadequação pode ser observada em um estudo em que 420 pareceristas do periódico *The BMJ* receberam um artigo com oito falhas graves e, dos 221 que o avaliaram, nenhum identificou mais de cinco dessas falhas, sendo dois o número médio de falhas identificadas por esses pareceristas (BINGHAM *et al.*, 1998). Os vieses podem ser contra ou a favor a uma opinião, novas ideias, hipóteses específicas, grupos de pesquisa, instituições ou nacionalidades (BINGHAM *et al.*, 1998). A corrupção se manifesta quando os pareceristas se aproveitam de sua posição para se apropriar do trabalho intelectual de outrem (BINGHAM *et al.*, 1998). Ross-Hellaeur (2017) aponta ainda outros problemas, tais como falta de confiabilidade e inconsistência; falta de transparência; vieses sociais de publicação, com base no gênero, afiliação institucional e língua; falta de incentivo, ou seja, atividade sem remuneração e sem reconhecimento. Nesse contexto de críticas à clássica revisão por pares, surge a revisão por pares aberta como um dos pilares da ciência aberta.

No final da década de 90, um movimento em direção à revisão por pares aberta foi resultado da preocupação de que o anonimato presente tanto na modalidade de avaliação

⁶ REIS, José. Depoimento: o caminho de um divulgador. *Ciência e Cultura*, v.34, n. 6, p.800-816, jun. 1982.

⁷ REIS, José. Divulgação científica. *Anhembi*, n.140, v.XLVII, p.1-16, jul. 1962

simples-cega quanto na duplo-cega pode encobrir vieses, má conduta ou abuso do parecerista, bem como apropriação indevida de ideias e dados de pesquisa, ocultamento de conflitos de interesses e indevido atraso de entrega do parecer (RESEARCH INFORMATION NETWORK, 2010⁸ apud RODRÍGUEZ-BRAVO *et al.*, 2017).

Ross-Hellauer (2017) diz que a revisão por pares aberta está associada aos modelos de avaliação ligados à Ciência Aberta. Rodríguez-Brazo *et al.* (2017) e Ford (2013) afirmam que não há uma definição universal aceita para este processo. Ford (2013) aponta que isso dificulta a realização de pesquisas sobre as suas práticas. No entanto, a autora afirma que o cerne de qualquer mecanismo de revisão por pares aberta é a divulgação, em qualquer etapa do processo de avaliação ou da publicação, das identidades dos pareceristas e dos autores. Para Ross-Hellauer (2017), a revisão por pares aberta tem as seguintes características:

- **Identidades abertas:** Autores e pareceristas sabem da identidade um do outro;
- **Pareceres abertos:** Os pareceres são publicados juntamente com os artigos;
- **Participação aberta:** A comunidade em geral pode contribuir no processo de revisão por pares;
- **Interação aberta:** A discussão direta e recíproca entre autores e pareceristas é permitida e encorajada;
- **Abertura dos manuscritos previamente à revisão:** Os manuscritos são imediatamente disponibilizados (por exemplo, por meio de servidores *preprint* como *arXiv*) antes de qualquer procedimento formal de revisão por pares;
- **Abertura de comentários para versão final:** revisar ou comentar as versões finais de uma publicação;
- **Plataformas abertas:** A revisão por pares é dissociada do periódico e é facilitada por uma entidade organizacional.⁹ (ROSS-HELLAUER, 2017, p. 11, tradução nossa).

Para Ford (2013), a revisão por pares aberta tem oito características, dividindo-as nas categorias “abertura” e “tempo”. As cinco características em relação à abertura são:

- **Revisão assinada** – refere-se às revisões assinadas pelo parecerista publicadas juntamente com os artigos no momento da publicação ou assinadas quando o autor as recebe;
- **Revisão aberta** – refere-se a um processo no qual pareceristas e autores conhecem a identidade um do outro durante o processo de revisão por pares, permitindo que participem de discussões ou discursos;
- **Revisão mediada pelo editor** – é uma característica encontrada na maioria dos processos abertos de revisão por pares. Uma revisão mediada pelo editor é qualquer trabalho realizado por um editor de periódico para facilitar a revisão por pares aberta. Isso pode incluir pré-seleção editorial de artigos e/ou tomada de decisão final para aceitação ou rejeição de artigos. A parte mediada pelo editor de

⁸ RESEARCH INFORMATION NETWORK. Peer review: A guide for researchers. London, England: Research Information Network, 2010. Disponível em: <http://www.rin.ac.uk/system/files/attachments/Peer-review-guide-screen.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

⁹ Língua original: Inglês.

qualquer processo de processo de revisão por pares não pode ser divulgada publicamente;

- **Revisão transparente** – refere-se à total abertura a uma comunidade distinta ou ao público. Ela permite que o público acompanhe a revisão por pares. Os autores e o público conhecem as identidades dos pareceristas e os pareceristas conhecem as identidades dos autores. As respostas dos autores aos comentários dos pareceristas são públicas. Em uma revisão transparente, o público pode ver manuscritos, resenhas e respostas de autores e pareceristas públicos, além dos artigos publicados;
- **Revisão pelo público geral** – é um processo público de revisão no qual qualquer membro da comunidade pode contribuir para a revisão do artigo. Na revisão pelo público geral, não há limite para o número de comentários ou revisões que um artigo pode receber. Em algumas implementações propostas de revisão pelo público geral, há pouca mediação editorial das revisões de artigos. Em vez disso, os autores podem simplesmente enviar trabalhos para um servidor de preprint ou outra comunidade para comentários do público em geral.¹⁰ (FORD, 2013, p. 6, tradução nossa).

No que se refere às características da categoria “tempo”, Ford identifica:

- **Revisão pré-publicação** – acontece antes da publicação do artigo e geralmente em um espaço público, como um servidor de *preprint*;
- **Revisão sincronizada** – acontece ao mesmo tempo que a publicação do artigo. Na literatura, revisão sincronizada é abordada apenas teoricamente, como parte de um modelo de publicação novo e completamente interativo;
- **Revisão pós-publicação** – acontece após a publicação de um artigo, assim como comentários postados em um *blog*.¹¹ (FORD, 2013, p. 6, tradução nossa).

Cada uma dessas características têm as suas vantagens e desvantagens e, apesar de serem nomeadas de formas distintas pelos autores, essas características definem a mesma ideia em alguns casos.

O foco deste artigo está na característica “participação aberta”, assim nomeada por Ross-Hellauer (2017), também chamada na literatura de “revisão por pares pública” (*public peer review* (BORNMANN *et al.*, 2012), “revisão da comunidade/do público” (*community/public review* (WALKER; SILVA, 2015), “Revisão pelo público geral” [*crowdsourced peer review*] (FORD, 2013). Bornnmann *et al.* (2012) contempla ainda a participação de pareceristas convidados e de outros membros da comunidade científica. Segundo Ross-Hellaeur (2017), na participação aberta, os membros da comunidade acadêmica podem participar da revisão tanto contribuindo com revisões mais completas quanto com textos mais curtos; diferentemente do modelo de revisão por pares tradicional, no qual os editores que selecionam e convidam os pares para revisão. A proposta deste traço, conforme explica Ware

¹⁰ Língua original: Inglês.

¹¹ Língua original: Inglês.

(2011), é: abrir para a comunidade em geral o processo de revisão por pares, em vez de depender de dois ou três pareceristas escolhidos pelo editor. Conforme o autor, isso pode ser feito antes ou após da publicação do artigo; e como comunidade geral entende-se a comunidade de pesquisa de forma mais ampla, estatísticos ou outros profissionais ou mesmo pacientes.

Observamos que, apesar da variação na forma de denominar e definir a característica participação aberta, todas preconizam uma abertura para a comunidade científica em geral, não mencionando a palavra “paciente” ou mesmo “não cientistas” em suas definições e denominações. A ideia da participação do paciente é mencionada no texto de Ware (2011), quando ele, ao também propor uma participação ampla da comunidade científica na revisão por pares, cita o periódico *Journal of Participatory Medicine*.

3 A POLÍTICA DO RESEARCH INVOLVEMENT AND ENGAGEMENT

Criado em 2015, o RIE é um periódico da BioMed Central (BMC), autodescrito como “interdisciplinar, de saúde e assistência social, focado no paciente e em maior envolvimento e engajamento na pesquisa, em todas as etapas”. Segundo os seus editores, Richard Stephens – um paciente –, e Sophie Staniszewska – uma pesquisadora –, o “RIE é um novo tipo de periódico voltado para o desenvolvimento de uma parceria entre o público e pesquisadores.¹²” (STEPHENS; STANISZEWSKA, 2015, p. 1, tradução nossa). Esse envolvimento entre o público e os pesquisadores, conforme os editores, reflete também uma preocupação de um acesso mais democrático à pesquisa, sobretudo àquela realizada com dinheiro público, seja por impostos ou doação.

O sítio da RIE na internet¹³ possui quatro menus – *Home*, *About*, *Articles*, e *Submission Guidelines*, cujo conteúdo será descrito para entendermos a sua estrutura e as suas políticas voltadas para a revisão por pares. Em *Home* estão as diretrizes para pareceristas (*Reviewer Guidelines for Research Involvement and Engagement*), nos seguintes termos:

Todas as submissões do *Research Involvement and Engagement* são revisadas por pacientes e acadêmicos. Após o feedback de nossa comunidade de pacientes e de pareceristas, desenvolvemos nossas diretrizes para pareceristas para incluir detalhes sobre como a revisão por pares funciona no periódico, links para recursos de treinamento e exemplos de revisões e pontos a serem considerados ao escrever uma revisão.

¹² Língua original: inglês.

¹³ Disponível em: <https://researchinvolvement.biomedcentral.com/> Acesso em: 22 maio 2021.

Recomendamos que todos os nossos pareceristas, pacientes e acadêmicos, se familiarizem com essas diretrizes.¹⁴ (RIE, 2021, *on-line*, tradução nossa).

No item *A Co-Produced Journal*, é reforçado que a revista é coproduzida por “acadêmicos, formuladores de políticas, pacientes e usuários de serviços”.

No menu *About*, a revista comunica que todos os seus artigos são publicados *on-line* de forma gratuita e permanente, sem taxas de assinatura ou barreiras de registro. Nesse item, também há informações sobre os direitos autorais dos autores. Em seguida, temos a *Peer-review policy* (Política de revisão por pares) e as *Editorial policies* (Políticas editoriais) da revista.

No menu *Articles*, são publicadas (organizadas em páginas) e disponibilizadas, gratuitamente, duas versões completas de cada artigo, uma em HTML e outra em PDF. O visitante da página do site pode buscar por artigos na ferramenta de busca do menu por meio de palavras-chave ou citação.

No canto superior à esquerda do menu lateral de *Articles*, há uma mensagem de agradecimentos aos pareceristas (*Reviewer Acknowledgments*) e, logo abaixo dessa mensagem, estão disponibilizadas listas de 2015 a 2018 com os nomes e países de pareceristas que contribuíram na revisão de manuscritos.

A seção *Reviewer Guidelines* (Diretrizes para pareceristas) está presente de forma visível em todas as abas do site, o que facilita a sua leitura e adoção pelos pareceristas, sejam eles acadêmicos ou pacientes. Nesse documento, encontramos uma primeira definição de revisão por pares:

A revisão por pares é um processo usado para avaliar a validade, o significado e a originalidade da pesquisa antes da publicação em uma revista científica. Os pareceristas fornecem comentários detalhados e construtivos, que ajudarão os editores a tomar uma decisão sobre a publicação e o(s) autor(es) a melhorar seu manuscrito.¹⁵ (RIE, 2021, *on-line*, tradução nossa).

A *Reviewer Guidelines* direciona também o processo de revisão à *Peer Review Policy* (Política de Revisão por Pares), onde encontramos outra definição do processo:

A revisão por pares é o sistema usado para avaliar a qualidade de um manuscrito antes de ser publicado. Pesquisadores independentes na área de pesquisa relevante avaliam os manuscritos submetidos quanto à originalidade, validade e significado para ajudar os Editores a determinar se

¹⁴ Língua original: Inglês.

¹⁵ Língua original: Inglês.

o manuscrito deve ser publicado em seu periódico. [...] ¹⁶ (RIE, 2021, *on-line*, tradução nossa)

Para facilitar o trabalho do parecerista, a seção *Useful training resources for peer reviewers* (Fontes úteis de treinamento para pareceristas) indica cursos *on-line* gratuitos de avaliação de artigos, dentre os quais *blogs* da BMC dedicados a como fazer a revisão por pares, o guia do *Sense About Science Peer Review: the nuts and bolts* e o curso de revisão por pares da *Publons*.

Em seguida, explica-se na seção que os artigos submetidos ao periódico são revisados por pelo menos dois acadêmicos e dois pacientes, cujas avaliações têm peso igual para a tomada de decisão sobre a sua publicação. Todos possuem a mesma tarefa:

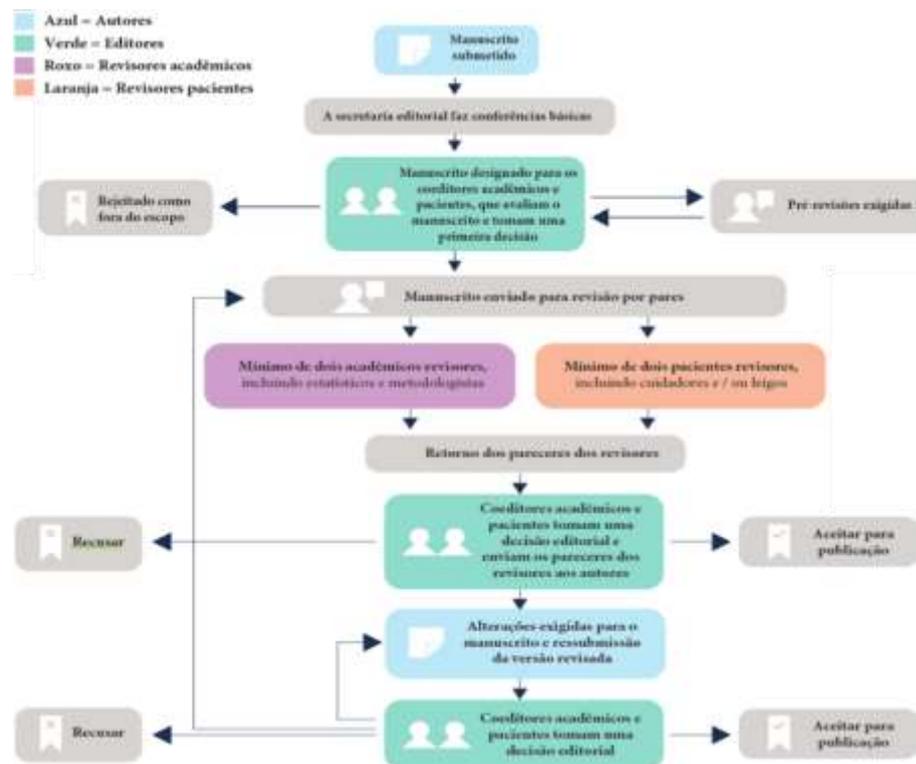
[...] avaliar se o manuscrito é cientificamente sólido e coerente, se o trabalho já foi publicado e se o manuscrito é suficientemente claro ou não para publicação. Os Editores tomarão uma decisão com base nesses pareceres e, quando necessário, consultarão os membros do Conselho Editorial. ¹⁷ (RIE, 2021, *on-line*, tradução nossa).

Para auxiliá-los na tarefa, a revista disponibiliza ainda um fluxograma explicando as etapas pelas quais um manuscrito passa após ser submetido (Figura 1).

¹⁶ Língua original: Inglês.

¹⁷ Língua original: Inglês.

Figura 1 - Fluxograma das etapas de avaliação de um manuscrito no *Research Involvement and Engagement*



Fonte: Extraído do sítio do periódico britânico *Research Involvement and Engagement* na internet (2021, *online*, tradução nossa).

Nota-se que o fluxo de avaliação de um artigo não muda muito, o seu destino é o mesmo – aceito para publicação ou recusado – entretanto, o que muda, de fato, é a entrada neste processo dos editores pacientes e dos pareceristas pacientes, trabalhando lado a lado com acadêmicos, diferentemente do artigo se fechar na figura do editor e na avaliação por especialistas.

Após esse fluxograma (Figura 1), a *Reviewer Guidelines* (Diretrizes para pareceristas) se desdobra nos seguintes tópicos: *Why consider peer reviewing?* (Por que considerar a revisão por pares?); *How to register as a reviewer* (Como se registrar como parecerista); *What happens when the article is published?* (O que acontece quando o artigo é publicado); *Useful training resources for peer reviewers* (Fontes úteis de treinamento para pareceristas); *Being invited to review a manuscript* (Sendo convidado para revisar um manuscrito); *Points to consider in your review* (Pontos a serem considerados na sua revisão); *What happens next?* (O que acontece depois). Apresentaremos resumidamente o ponto central de cada tópico.

Em *Why consider peer reviewing?*, o periódico incentiva que pesquisadores e pacientes o apoiem, ressaltando a importância dos pareceristas para as revistas revisadas pelos pares.

O tópico esclarece que a decisão de incluir-se na revisão por pares os pacientes está relacionada à crença em “nothing about me without me”¹⁸, e é ponto de partida para que o periódico publique não apenas exemplos do que acreditam, mas que sejam o próprio exemplo. E acrescenta:

A revisão do paciente adiciona um conjunto importante e frequentemente renovado de espectadores, com foco especial na acessibilidade de um artigo a um público mais amplo e na relevância das descobertas do manuscrito.¹⁹ (RIE, 2021, *on-line*, tradução nossa).

Em *How to register as a reviewer?*, o periódico fala da necessidade de criação de uma conta para se cadastrar como parecerista, sendo que após a sua ativação, o parecerista (acadêmico ou paciente), pode indicar as suas áreas de especialização para receber manuscritos para avaliação alinhados com os seus interesses.

Os pareceristas são convidados por e-mail a avaliarem manuscritos e solicitados a enviarem seus pareceres pelo sistema, no tópico *Being invited to review a manuscript*. No mesmo tópico, pareceristas são orientados acerca da confidencialidade do artigo até o momento da publicação, prazos para envio de pareceres e conflitos de interesse.

Em *Points to consider in your review?* são explicitados os pontos que devem ser considerados no momento da revisão pelos pares (Quadro 1).

Finalizando as diretrizes para pareceristas, em *What happens next?* é comunicado que, após o envio do parecer, o parecerista será solicitado a recomendar a decisão de “aceitar”, “rejeitar”, “revisões essenciais menores” ou “revisões maiores obrigatórias”. Os editores ainda podem, após as revisões realizadas nos manuscritos pelos autores, pedir para que os pareceristas avaliem novamente para garantir que todas as pendências foram solucionadas.

Quadro 1 - Aspectos a serem considerados na revisão por pares segundo o periódico *Research Involvement and Engagement*

Resumo de algumas das questões a serem consideradas na revisão por pares:
1. O manuscrito está escrito de uma maneira compreensível?
2. Todas as informações relevantes estão disponíveis para você?

¹⁸ Segundo Puckrein (2016, *on-line*, tradução nossa), “enquanto no passado os pacientes eram considerados apenas ‘sujeitos’ do estudo, hoje em dia eles desempenham um papel cada vez mais importante na pesquisa clínica em saúde.”. Língua original: Inglês.

¹⁹ Língua original: Inglês.

3. Existe um objetivo, pergunta ou motivo para fazer a pesquisa, e essa pesquisa foi colocada no contexto de trabalhos anteriores?
4. Todos os métodos foram descritos em detalhes suficientes para permitir que outros avaliem e/ou repliquem o trabalho em circunstâncias semelhantes?
5. Os resultados foram apresentados e discutidos de forma clara e completa?
6. Os resultados apoiam as conclusões dos autores?
7. Os arquivos adicionais incluídos (materiais suplementares) são adequados?
8. Há algum problema ético ou de interesses concorrentes que você gostaria de levantar?
9. Você tem outras sugestões que possam ajudar o (s) autor (es) a fortalecer seu trabalho para torná-lo mais aplicável à comunidade?

Fonte: Extraído do site do periódico britânico *Research Involvement and Engagement* (2021, on-line, tradução nossa).

Em *What happens when the article is published?* é esclarecido que, sendo a revista de revisão por pares aberta, o artigo aprovado para publicação será acompanhado do nome dos pareceristas e de seu parecer, publicados sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0²⁰. O periódico declara-o como um benefício do modelo de revisão por pares aberta, considerando o aumento da transparência e a redução de possíveis vieses de publicação.

5 DISCUSSÃO

Observamos que a política de revisão por pares e as diretrizes para pareceristas são as principais ferramentas do periódico para, ao mesmo tempo, inserir o paciente, definir e explicar o processo de revisão por pares. No entanto, esse paciente está inserido em algo que vai além da revisão por pares, já que a RIE almeja incluí-lo e também o público, em todas as fases da pesquisa, desde a sua produção e disseminação até a sua implementação, e até mesmo como coeditor da revista, autor e coautor de artigos (STEPHENS; STANISZEWSKA, 2015). Assim, a revista amplia o papel dos periódicos científicos com veículos de comunicação dos resultados de pesquisa para os pares, tornando-o uma ferramenta para o acesso ao conhecimento científico, divulgando também saberes sobre a editoração científica e o funcionamento do mundo acadêmico. Além de conferir um papel ativo ao leitor da revista.

Os pontos indicados no Quadro 1 a serem avaliados nos manuscritos submetidos à RIE para publicação nas Diretrizes para pareceristas envolvem aspectos relacionados à redação científica, à metodologia da pesquisa, à falta de informações relevantes para o público o qual o manuscrito é destinado, às questões éticas e à clareza da redação.

Considerando que uma única diretriz de avaliação serve a pareceristas pacientes e acadêmicos pareceristas, e que o periódico enfatiza que a avaliação de ambos tem o mesmo

²⁰ Disponível em: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR Acesso em: 22 maio 2021.

peso na decisão editorial, depreende-se que a avaliação de pacientes e acadêmicos não se distinguem por sua formação, mas sim qualitativamente – como explicam Staniszewska, Stephens e Flemmyng (2018, p. 1-2, tradução nossa):

Os pareceristas acadêmicos e os pacientes fornecem avaliações diferentes, mas complementares, e como Editores, tratamos as resenhas como igualmente importantes, reconhecendo a contribuição intrínseca que cada um faz para a avaliação de um manuscrito.²¹

Assim, a revista oferece aos autores “uma avaliação mais abrangente de seu trabalho, mais ampla de relevância, aceitabilidade, adequação e robustez, sem dúvida uma forma de “validação comunitária”²². Schroter *et al.* (2018) acrescentam que, se por um lado há pacientes e pareceristas públicos com capacidade de comentar a metodologia de uma pesquisa, por outro, a força coletiva desses pareceres é abordar a relevância de uma pesquisa para pacientes e prestadores de cuidados e se o tratamento ou intervenção pesquisada ou orientação dada é praticável e aceitável.

Essa iniciativa do RIE, que aqui inserimos no escopo da participação aberta, toca na principal crítica da comunidade científica a essa característica da revisão por pares aberta: a qualificação dos pareceristas. Um estudo *on-line* realizado por Ross-Hellauer, Deppe e Schmidt (2017) para o projeto OpenAIRE2020 em setembro e outubro de 2016, com o objetivo de saber as atitudes e experiência de editores acadêmicos, autores e pareceristas em relação à revisão por pares aberta, mostrou que pouco mais da metade dos entrevistados acreditam que a comunidade em geral poderá contribuir para o aperfeiçoamento da revisão por pares, contra 28% que acreditam que só irá piorá-la. Oitenta e cinco por cento dos entrevistados acreditam que as pessoas se sentem mais interessadas em revisar um artigo quando são convidadas. No que se refere à qualificação ou formação das pessoas que avaliam voluntariamente um artigo, 45% concordam que todos podem participar do processo de revisão, contra 38% que não concordam. Conforme os autores, essa divisão de opiniões está relacionada a crenças de ambos os lados; enquanto uns acreditam que a abertura da revisão solucionará problemas relacionados à seleção editorial de revisores, evitando preconceitos, elitismo, e aumentando o número de pareceristas disponíveis, outros veem a participação aberta como um modelo que engajará pareceristas não qualificados no processo.

²¹ Língua original: Inglês.

²² Língua original: Inglês.

Mas o que significa ser/estar qualificado para avaliar manuscritos submetidos à publicação? O que significa ser especialista na academia? Quais são os critérios para seleção de pareceristas? Pavan e Stumpf (2009) dizem que a seleção de pareceristas é feita com base em critérios determinados pelas próprias revistas. As autoras realizaram uma pesquisa sobre a revisão por pares nas revistas de ciência da informação (seis no total) do Brasil com conceito A (nacional), conforme o Qualis/CAPES 2006, e, ao questionarem os editores sobre os critérios para escolha dos pareceristas, concluíram que:

[...] O conhecimento de um ou vários assuntos dentro da área de Ciência da Informação é o critério mais comum entre as outras revistas, conforme informado por cinco editores. Em seguida, foram assinalados *os critérios senioridade acadêmica e titulação por quatro editores, envolvimento em atividades de pesquisa por três e a produção científica por dois*. [...] um deles expressou que a instituição responsável pela publicação da revista, através de um comitê específico, determinou que somente poderiam participar como avaliadores aqueles “[...] especialistas com a titulação PhD, com mais de 2 anos e, em casos especiais, profissionais considerados com notório saber.” (Ed 6) [Editor 6]. Pode-se perceber que os periódicos utilizam alguns critérios comuns para compor o seu grupo de avaliadores que corresponde aos aceitos pela comunidade científica. (PAVAN; STUMPT, 2009, p. 81, grifo nosso).

Esses critérios podem ser até obscuros: “Informação privilegiada e não disponível para divulgação” (Ed1), respondeu um dos editores que participou da pesquisa das autoras (PAVAM; STUMPT, 2009, p. 81). Werlang (2013) realizou uma pesquisa com editores científicos brasileiros associados à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) e diz que os pareceristas são escolhidos por eles com base em critérios como ter doutorado, experiência como pesquisador e elaborar um parecer com justiça, equilíbrio e clareza. Observa-se que as respostas para as nossas perguntas são idade do pesquisador, titulação, atividades de pesquisa e produção científica. Esses critérios para definir um especialista vão ao encontro a alguns conceitos e críticas direcionados ao modelo conceitual de compreensão pública da ciência de déficit, que prevê uma transmissão linear da informação dos especialistas para o público, e é criticado por se basear em uma teoria política que ressalta a relação de poder entre aqueles cujo conhecimento é medido por suas pesquisas e aqueles que não fazem pesquisa. Ao menos, não de acordo com os moldes acadêmicos. Ou ainda, dialoga com estudos no âmbito da ciência aberta que relevam o desconforto de pesquisadores no início de carreira com a revisão por pares aberta por medo de retaliação (RODRÍGUEZ-BRAVO *et al.*, 2017).

Essa estrutura da revisão por pares ancorada em especialistas reflete na fala de um dos pacientes que atuam como parecerista sobre a sua confiança para avaliar o trabalho de acadêmicos:

Leva tempo em minha estimativa para entrar em um lugar onde, como paciente, me sinto confiante para avaliar o trabalho de acadêmicos. No início, tomei a posição de "*quem sou eu para desafiá-los*", mas reconheci após a primeira revisão que sou o paciente com a experiência e a perspectiva que podem ajudar a informar a prática da pesquisa.²³ (SCHROTER *et al.*, 2018, p. 4-5, tradução nossa, grifo nosso)

De acordo com Staniszewska, Stephens e Flemyng (2018, p. 4), "o paciente na revisão por pares é a pedra angular da RIE, capturando a essência da colaboração e da coprodução de conhecimento"²⁴. Mas qual é o perfil dos pacientes que atuam como pareceristas na RIE? Inferimos por meio das suas contribuições aos manuscritos que eles podem ser ou não acadêmicos:

As contribuições [dos pareceristas pacientes] variam de acordo com o histórico, habilidades e experiência do paciente e do parecerista público, como acontece com os pareceristas acadêmicos. Alguns pacientes e cuidadores podem comentar sobre a relevância de um estudo para um determinado grupo, enquanto aqueles com *formação acadêmica* e *conhecimento de pesquisa* podem comentar sobre a metodologia.²⁵ (SCHROTER *et al.*, 2018, p. 4-5, tradução nossa, grifo nosso)

Os autores também pontuam uma diferença de "lugar de fala", ou melhor, "posição de avaliador", entre pacientes pareceristas e pareceristas acadêmicos. Enquanto os pareceristas acadêmicos realizam a revisão por pares como parte dos seus deveres e para alavancar suas carreiras, os pacientes pareceristas ou pareceristas públicos "[...] não têm obrigações profissionais implícitas ou explícitas para avaliar manuscritos."²⁶ (SCHROTER *et al.*, 2018, p. 2, tradução nossa). Assim, quando pensamos em pareceristas acadêmicos e não acadêmicos na revisão por pares, temos pessoas em *diferentes* posições com *diferentes* saberes, formações e experiências e, também, com *diferentes* interesses que podem ir além do aperfeiçoamento de um manuscrito.

²³ Língua original: Inglês.

²⁴ Língua original: Inglês.

²⁵ Língua original: Inglês.

²⁶ Língua original: Inglês.

Em relação à linguagem especializada do artigo científico e de uma possível problematização do periódico em relação a isso, nada foi identificado. O paciente parecerista participa do processo de revisão por pares dentro de um mundo linguístico dos proponentes do artigo, o que pode ser elencado como uma barreira epistêmica à participação pública (DOMECQ *et al.*, 2014). Inserir leigos ou não cientistas na ciência não é uma questão apenas linguística, mas também de permear mundos e considerar a experiência de um público em relação a um tema ou problema específico. Recordemos aqui das ações de ativistas leigos da AIDS nos anos 1990, cuja expertise advinha do fato de que “viviam com o vírus, ou morriam por causa dele” (COLLINS; PINCH, 2005, p. 252). Uma das dificuldades que enfrentaram foi o contato com a linguagem técnica, barreira que conseguiram ultrapassar quando passaram a elaborar listas dos termos técnicos que tinham que entender, até perceberem que, “como o aprendizado de qualquer nova cultura ou língua, bastava se dedicar bastante que as coisas começavam a parecer familiares” (COLLINS; PINCH, 2005, p. 245).

Outro caso é o da luta de mães e ativistas pela regulamentação do canabidiol no Brasil, cuja agenda vem evoluindo devido à pressão e ao desenvolvimento da expertise dos próprios pacientes e seus cuidadores e cuidadoras. De acordo com Oliveira (2007), credibilidade, capacidade de mobilização, domínio sobre a linguagem da ciência e autonomia foram decisivas nessas conquistas. Desse modo, a divulgação científica não é apenas uma questão de adaptação de linguagem, mas mergulhar em mundos diferentes dos nossos. A RIE, através de suas iniciativas de inclusão de pacientes e do público na revisão por pares e na publicação, colocou fortemente a comunicação científica em diálogo com a ciência aberta, a ciência cidadã e a divulgação científica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no referencial teórico apresentado, na descrição da estrutura do site, política e diretrizes para revisão por pares, concluímos que a iniciativa do periódico *Research Involvement and Engagement* de inserir pacientes tanto no seu processo de revisão por pares quanto na própria editoria, claramente coadunam com modelos de vertente dialógica na divulgação científica. Nomeadamente, o modelo de expertise leiga, que reconhece as limitações da informação científica, valoriza o conhecimento de públicos específicos, reforça a natureza interativa do processo científico e aceita a expertise fora do círculo científico (BROSSARD; LEWENSTEIN, 2010). Se, de um lado, temos o mundo do cientista e, do outro, o

mundo daquele sem formação científica, o que precisamos é do estabelecimento de uma troca e diálogo de saberes, pois como coloca Wynne (2005, p. 31, grifo nosso):

Assim, um criador de ovelhas pode entender que o Césio radioativo é removido mais rapidamente de ovelhas que pastam em vales cultivados do que em colinas rochosas altas. *Pode também saber o que o cientista desconhece* – que a grama de vales é um recurso precioso e frágil, cuja perda, por causa dos pastoreios intensivos, pode gerar consequências danosas para ciclos futuros de criação.

A iniciativa da revista também dialoga com o modelo de engajamento público, ligado ao ideal democrático da ampla participação pública na elaboração de políticas (BROSSARD; LEWENSTEIN, 2010); nesse caso, nas políticas editoriais de periódico científico. Entretanto, ressaltamos que esses modelos mais dialógicos de compreensão pública da ciência são criticados por alguns teóricos pelo seu viés anticiência (BROSSARD; LEWENSTEIN, 2010). Sem dúvidas, a participação de não cientistas na ciência é um tema delicado, controverso, e que desperta sensações e opiniões opostas na comunidade científica. Todavia, em tempos de *fake news*, de negacionismo, e da enorme visibilidade que os cientistas e as próprias revistas científicas ganharam durante a pandemia de COVID-2019, para o ‘bem’ ou para o ‘mal’, esta é uma discussão urgente, necessária e inadiável.

Uma das limitações encontradas para a presente análise foi a escassa literatura sobre o periódico estudado, uma vez que ele foi lançado em 2015 e a participação de pacientes em revistas científicas é um tema novo. Há várias facetas do RIE que ainda podem ser abordadas e discutidas em futuros trabalhos. Assim, muitas pesquisas ainda precisam ser realizadas para compreender, na prática, se a avaliação feita pelos pacientes será realmente considerada pelo editor no momento de aceitar e negar um artigo para publicação, por exemplo. Além do mais, outro periódico que está engajando pacientes em sua revisão por pares é o *The BMJ* que, em 2017, fez uma parceria com o RIE para saber as visões e as motivações dos pacientes que atuam como pareceristas nessas duas revistas²⁷. Essa parceria não foi abordada por não ser o objetivo deste trabalho e pela própria limitação de espaço para descrevê-la e discuti-la.

Desse modo, nosso principal objetivo foi trazer essa iniciativa para o contexto da ciência aberta, da ciência cidadã e da divulgação científica, iniciando uma discussão sobre a participação de não cientistas na ciência, sobretudo nos periódicos científicos, e a interação deles com pesquisadores. Experiências com a implementada pelo RIE expõem, como pontua

²⁷ Para mais informações, ver: <https://blogs.biomedcentral.com/bmcblog/2018/09/10/patient-peer-review-in-academic-journals/> Acesso em: 27 ago. 2021.

Albagli (2015), a própria definição de ciência. As características da revisão por pares aberta também são um vasto campo de pesquisa, com recortes e rumos muito específicos. No que se refere à participação aberta, conforme Ross-Hellauer (2017), embora ela possa dar uma contribuição valiosa para a revisão por pares, é pouco provável que ela tome o lugar do modelo tradicional de avaliação de manuscritos submetidos à publicação.

A inserção do paciente pode causar transformações nos atuais moldes tradicionais da comunicação científica, que são fechados na produção e comunicação da ciência produzida pelos pares e para os pares. Ela nos faz pensar sobre novos papéis para os próprios periódicos científicos, que se tornam ferramentas de divulgação da ciência, e não somente o seu resultado, mas os seus próprios processos de construção, ajudando também a melhorar a pesquisa, tornando-a mais acessível e democrática; tirando-a de um “centro epistemológico” e mostrando como ela está intimamente ligada ao dia a dia de todos.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Ciência aberta em questão. *In*: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, M. L.; HANNUD, Alexandre Abdo (org.). **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. p. 9-26.

ALBAGLI, Sarita; CLINIO, Anne; RAYCHTOCK, Sabryne. Ciência aberta: correntes interpretativas e tipos de ação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 434-450, nov. 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3593>. Acesso em: 19 jan. 2018.

BARRADAS, Maria Mércia; TARGINO, Maria das Graças. Redação de artigo técnico-científico: a pesquisa transformada em texto. *In*: FERREIRA, S. M. P; TARGINO, M. G. (org.). **Mais sobre revistas científicas: em foco a gestão**. São Paulo: Senac/Cengage Learning, 2008. p. 17-40.

BIOJONE, M. R. **Os periódicos científicos na comunicação da ciência**. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2003.

BINGHAM, Craig M.; HIGGINS, Gail; COLEMAN, Ross; WEYDEN, Martin B Van Der. The Medical Journal of Australia internet peer-review study. **Lancet**, v. 352, p. 441-445, 1998. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9708752/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BROSSARD, Dominique; LEWENSTEIN, Bruce V. A Critical Appraisal of Models of Public Understanding of Science: Using Practice to Inform Theory. *In*: KAHLOR, L.; STOUT, P. A. (ed.). **Communicating Science: New Agendas in Communication**. New York: Routledge, Taylor & Francis, 2010. p. 11-39.

BORNMANN, Lutz; HERICH, Hanna; JOOS, Hanna; DANIEL, Hans-Dieter. In Public Peer Review of Submitted Manuscripts, How do Reviewer Comments Differ from Comments Written by

Interested Members of The Scientific Community? A Content Analysis of Comments Written for Atmospheric Chemistry and Physics. **Scientometrics**, v. 93, 915-929, 2012.

CHAN, Leslie; OKUNE, Angela; SAMBULI, Nanjira. O que é ciência aberta e colaborativa, e que papéis ela poderia desempenhar no desenvolvimento? *In*: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, M. L.; HANNUD, Alexandre Abdo (org.). **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.

COLLINS, Harry; PINCH, Trevor. A cura da Aids e a expertise leiga. *In*: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; MOREIRA, I. C. (ed.). **Terra Incógnita: a interface entre ciência e público**. Rio de Janeiro, Brasil: Casa da Ciência; Museu da Vida; Vieira & Lent, 2005. p. 27-40.

DICKSON, David. The case for a 'deficit model' of science communication [Editorial 26 maio 2005]. **SciDevNet**, 2005. Disponível em: <https://www.scidev.net/global/communication/editorials/the-case-for-a-deficit-model-of-science-communic.html>. Acesso em: 14 dez. 2019.

DOMECQ, Juan Pablo; PRUTSKY, Gabriela; ELRAIYAH, Tarig, *et al.* Patient engagement in research: a systematic review. **BMC Health Services Research**, v.14, n.89, 2014. <https://doi.org/10.1186/1472-6963-14-89>

EINSIEDEL JR., Albert A.; EINSIEDEL, F. Edna. Museums as Agora: diversifying approaches to engaging publics in research. *In*: CHITTENDEN, D., FARMELO, G. e LEWENSTEIN, B. V. (ed.) **Creating Connections: Museums and the Public Understanding of Current Research**. Oxford: Althamira Press, 2004. p.73-86.

FORD, Emily. Defining and characterizing Open Peer Review: a review of the literature. **Library Faculty Publications and Presentations**, 2013. Disponível em: https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=ulib_fac. Acesso em: 20 jul. 2020.

HURD, Paul D. Scientific Literacy: New Minds for a Changing World. **Science Education**, v.82, n.3, p. 407-416, 1998.

MASSARANI, Luísa. **José Reis: reflexões sobre a divulgação científica**. Organização Luisa Massarani e Eliane Monteiro de Santana Dias. Rio de Janeiro: Fiocruz/ COC, 2018. 236 p.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Tradução Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999. Título original: Communicating research.

MILLER, Steve. Public Understanding of Science at The Crossroads. **Public Understanding of Science**, v.10, n.2, p.115-120, 2001.

OLIVEIRA, Monique. A regulamentação do canabidiol no Brasil: como nasce a expertise leiga. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 190-204, maio 2017.

- PARRA, Henrique, Z. M. Ciência cidadã: modos de participação e ativismo informacional. In: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, M. L.; HANNUD, Alexandre Abdo (org.). **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. Disponível em: [https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1060/1/Ciencia%20aberta_questoes%20abertas_PO_RTUGUES_DIGITAL%20\(5\).pdf](https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1060/1/Ciencia%20aberta_questoes%20abertas_PO_RTUGUES_DIGITAL%20(5).pdf). Acesso em: 20 jul. 2020.
- PAVAN, Cleusa; STUMPF, Ida Regina Chitto. Avaliação pelos pares nas revistas brasileiras de ciência da informação: procedimentos e percepções dos atores. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v.14, n.28, p.73- 92, 2009.
- PESSANHA, Charles. Critérios editoriais de avaliação científica: notas para discussão. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 226-229, maio/ago. 1998.
- PUCKREIN, Gary. Nothing about me without me. **Patient Research Exchange**, 2016. Disponível em: <https://www.patientresearchexchange.org/about-us>. Acesso em: 15 maio 2021.
- RIE. Research Involvement and Engagement. BioMed Central, 2021. Disponível em: <https://researchinvolvement.biomedcentral.com/> Acesso em: 26 ago. 2021.
- ROSS-HELLAUER, Tony. What is open peer review? A systematic review. **F1000Research**, v. 6, n. 588, 2017. Disponível em: <https://f1000research.com/articles/6-588/v1>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- ROSS-HELLAUER, Tony; DEPPE, Arvid; SCHMIDT, Birgit. Survey on OPEN PEER REVIEW: Attitudes and Experience amongst Editors, Authors and Reviewers. **PLoS ONE**, v. 12, n. 12, 2017. Disponível em: <http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0189311> . Acesso em: 22 abr. 2018.
- RODRÍGUEZ-BRAVO, Blanca *et al.* Peer Review: the experience and views of early career researchers. **Learned Publishing**, v. 30, n. 4, p. 269-277, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdfdirect/10.1002/leap.1111>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.
- SCOTT-LICHTER, D. **Diretrizes do CSE para Promover Integridade em Publicações de Periódicos Científicos: Atualização de 2012**. Botucatu, SP: ABEC, 2017. 96 p.
- SHORT, Daniel B. The Public Understanding of Science: 30 years of the Bodmer Report. **School Science Review**, v.95, n.350, p.39-44, 2013.
- SCHROTER, Sara *et al.* Perspectives on Involvement in the Peer-Review Process: surveys of patient and public reviewers at two Journals. **BMJ Open**, v. 8, e023357, 2018.

STANISZEWSKA, Sophie; STEPHENS, Richard; FLEMYNG, Ella. Developing the infrastructure for patient review in academic journals. **Research Involvement and Engagement**, v. 4, n. 31, p. 1-4, 2018. <https://doi.org/10.1186/s40900-018-0114-2>.

STEPHENS, Richard; STANISZEWSKA, Sophie. One small step... **Research Involvement and Engagement**, v. 1, n. 1, 2015. <https://doi.org/10.1186/s40900-015-0005-8>

WARE, Mark. Peer Review: Recent Experience and Future Directions. **New Review of Information Networking**, v. 16, n. 1, p. 23-53, 2011.

WALKER, Richard; SILVA, Pascal Rocha da. Emerging trends in peer review-a survey *Frontiers in Neuroscience*, v. 9, Article 169, p. 1-18, May 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26074753/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

WYNNE, Brian. Saberes em contexto. *In*: MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu. **Terra Incógnita**: a interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: Casa da Ciência; Museu da Vida; Vieira & Lent, 2005. p. 27-40.

ZUCKERMAN, Harriet; MERTON, Robert K. Patterns of Evaluation in Science: Functions of the Referee System. **Minerva**, v. 9, n. 1, p. 66-100, Jan. 1971.